

A IMPORTÂNCIA DA IMAGINAÇÃO NA INFÂNCIA DE DOIS PERSONAGENS DA LITERATURA INFANTIL

Victória Rodrigues BORGES (G-UFPA)

Sandra Maria JOB (UFPA)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar a importância da imaginação na infância de dois personagens da literatura infantil, especificamente do livro *Depois, o silêncio* (JOSÉ, 1972) e *O Meu pé de Laranja Lima* (VASCONCELOS, 1968). O intuito é compreender o papel da imaginação na vida do personagem João e do Zezinho, das respectivas obras. Para tanto, partimos de uma pesquisa bibliográfica cujos temas que se voltam para a questão da imaginação (VYGOTSKY, 1998. apud SANTOS, 2008) entre outros que serviram como embasamento teórico. Como resultados, destacamos que a imaginação, na vida dos dois personagens, foi responsável pelos raros momentos de felicidade dessas crianças serem e vivenciarem, de fato, a infância na sua quase plenitude.

PALAVRAS-CHAVE: Infância. Imaginação. Brincadeira. Felicidade.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo identificar a importância da imaginação na infância de dois personagens da literatura infantil, especificamente personagens do livro *Depois, o silêncio* (JOSÉ, 1972) e *O Meu pé de Laranja Lima* (VASCONCELOS, 1968). O intuito é compreender o papel da imaginação na vida do personagem João e do Zezinho, respectivamente. Para tanto, partimos de uma pesquisa bibliográfica (VYGOTSKY, 1998, apud SANTOS, 2008), (SARMENTO, 2004, apud WATANABE; et al), (MORENO2006, apud MOZZER & BORGES) que serviram como embasamento teórico.

O presente trabalho se divide em três partes. Na primeira, apresento a fundamentação teórica. Na segunda parte trago a análise proposta. E, por fim, exponho os resultados obtidos e as considerações finais do trabalho.

2 A CRIATIVIDADE E A IMAGINAÇÃO NO UNIVERSO INFANTIL: BREVES PALAVRAS SOBRE

Antes de tudo se faz necessário saber conceitos básicos sobre a criatividade/imaginação. Alencar (1993, apud MOZZER & BORGES, 2008 p.1) diz que a “criatividade implica a emergência de um produto novo, seja uma ideia, ou invenção original, seja a reelaboração e aperfeiçoamento de produtos ou ideias já existentes”. Assim como Para Vygotsky (1998, apud SANTOS, 2008 p.6), “a imaginação caracteriza uma função superior que depende da experiência

BORGES, Victória Rodrigues; Sandra Maria JOB. A importância da imaginação na infância de dois personagens da literatura infantil. *ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB*, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131

que a criança vai acumulando e aumentando, com características que a diferenciam da experiência dos adultos”. Ainda para ele, é o meio que influencia no processo de se criar um mundo de fantasias.

A imaginação/criatividade faz parte da natureza humana ela apenas precisa ser estimulada através de experiências e vivências como explica Eduardo Galeano (1973, apud SANTOS, 2008 p.8)

o ato do imaginar não se repete em formas e combinações iguais impressões acumuladas, isoladas, mas (re)constrói, (re)cria o novo a partir das impressões anteriormente acumuladas. Haja vista que a imaginação criadora não é sinônimo de memória, mas que nela se apoia, já que as novas imagens só irão surgir a partir das impressões e experiências anteriores.

Segundo Sarmiento (2004, apud WATANABE; et al) “a fantasia do real é uma forma da criança transpor o mundo real, construindo-o de forma imaginativa. Através do imaginário ela pode trazer personagens ou interpretar situações em seu cotidiano”.

Para estudiosos, a criatividade surge em um dado momento de nossa vida, e segundo Moreno (2006, apud MOZZER; BORGES, 2008 p.4)

É nos primeiros anos de vida que a criatividade pode cultivar-se de modo especial e este é o momento ideal para se buscar a origem das diferenças de criatividade entre os diversos sujeitos. Ela conclui suas observações, afirmando que as crianças que apresentaram um maior nível de criatividade não só brincavam bastante com seus pais e irmãos, principalmente mais velhos, como os jogos preferidos destas crianças de criatividade alta implicavam mais fantasia e criatividade do que em casos de crianças com nível de criatividade baixa.

Contudo, para Runco (1996, apud MOZZER; BORGES, 2008 p.3), “a criatividade infantil não percorre um caminho idêntico em todos os indivíduos, apesar de podermos observar algumas regularidades entre eles, nem todos são sujeitos criativos.”

Em suma, embora com nuances distintas que variam de indivíduo para indivíduo, a criatividade, a imaginação infantil, aparentemente, são um bem quase que imprescindível para a criança – seja por que ela poderá contribuir para a formação do futuro adulto em que ela se tornará; seja por que usando de criatividade e imaginação a criança pode criar um mundo paralelo no qual o mal, em todas suas faces, não entra e, por isso, a criança pode viver e ser criança, na prática.

3 DEPOIS, O SILÊNCIO E O MEU PÉ DE LARANJA LIMA: A IMAGINAÇÃO NA VIDA DOS PERSONAGENS JOÃO E ZEZINHO, RESPECTIVAMENTE

Poder ser criança e vivenciar a infância na sua plenitude requer, no Brasil, de uma série de coisas como uma família estruturada, economicamente estável, pais amorosos, um governo e BORGES, Victória Rodrigues; Sandra Maria JOB. A importância da imaginação na infância de dois personagens da literatura infantil. *ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB*, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131

políticas públicas que proporcionem mecanismos para protegê-la, etc. Em outras palavras, requer coisas que nem sempre estão à disposição da criança. Para essas crianças para as quais são negadas o direito a uma infância feliz e protegida, cabem, muitas vezes, a revolta e/ou a imaginação.

Para essa pesquisa interessa, em particular, a imaginação, visto que o objetivo aqui é analisar o papel da imaginação na vida de dois personagens de duas obras distintas, a saber: *Depois, o silêncio* e *O meu pé de laranja lima*. Antes da análise, porém, faz-se necessário conhecer a história dos livros.

Depois, o silêncio narra a história de um menino pobre, desengonçado, dentuço com orelhas grandes que, “visto por trás, parecia até um açucareiro (JOSÉ, 1972 p. 11)”, mais conhecido como João trapalhão. Ele era um menino que se sentia ignorado pela maioria das pessoas e incompreendido por todos, em casa, na rua e na escola. Até sua mãe passou a ignorá-lo, depois que João repetiu a 3ª série, “por isso, o João não andava muito limpo. As unhas crescidas estavam sempre se luto (JOSÉ, 1972, p. 11)”.

João tinha três irmãos: Graça, Edu e Rosa. Com Edu ele pouco se relacionava, pois “o Edu estava com dezoito anos, era maluco por futebol” e com Graça não era diferente, pois a menina “vivia sonhando com festas, tinha vergonha de usar roupas repetidas e volta e meia se queixava da vida (JOSÉ, 1972 p.10)”. Ou seja, os dois irmãos viviam em seus próprios mundos. Daquela família apenas Seu Dimas, o pai, e Rosinha, a irmã mais nova, mantinham um relacionamento afetivo com João.

Em relação ao pai, João amava estar na companhia dele, principalmente quando o pai o levava na garupa da bicicleta. Ali “João Trapalhão ia de pernas abertas que até pareciam asas. Agarrava no corpo talado do pai sentia uma grande segurança por ficar intimamente ligado ao velho. (JOSÉ, 1972, p. 16)”.

João sempre foi um menino doce e calmo, e compreendia as pequenas coisas do mundo e, apesar de pobre, “[...] não tinha inveja dos moleques que tinham as coisas bonitas. Não adiantava ter inveja, mesmo porque a inveja não lhe resolvia os problemas” (JOSÉ, 1972, p.12-13).

Devido à pobreza, João vivia “sempre assim: (n)um mundinho pobre, não muito vazio, cheio de mentiras bem planejadas, mas um mundinho inocente,” (JOSÉ, 1972, p.18 – parênteses nossos). Consequentemente, a única forma de se divertir era usando a sua imaginação. Nesse sentido, de acordo com o narrador¹,

¹ Vale ressaltar que o narrador se caracteriza como um narrador heterodiegético isto é, não participa da história narrada, contudo, sabe de tudo.

² Era o nome da boneca, Rosa escolheu porque era “nome de novela”.

João sabia **inventar** [...]. João também vivia sonhando com uma **porção de coisas bonitas** que ele jamais poderia ter. E a vitrina do Telles era o paraíso de onde João retirava muita fantasia e historinhas que a Rosa gostava de ouvir. (JOSÉ, 1972, p.15- grifos nossos)

João era um menino distraído que gostava de ficar idealizando coisas que pudessem lhe trazer felicidade, ele se divertia com coisas simples.

Caíram alguns grãos fora, o galo farejou e, com duas galinhas, começou a brigar para ver quem comia mais depressa. João achou tanta graça que caiu na risada. Ele gostava de ver as galinhas comendo porque elas tinham pescoço que parecia de mola. (JOSÉ, 1972, p. 15)

Raros eram esses momentos que o menino podia sentir feliz sempre surgia algo que o fazia sair do seu mundo imaginário. Isso mudou com a chegada de uma boneca que Graça havia trazido, João e Rosa estavam maravilhados com tamanha beleza da boneca, foi então que os dois adotaram a linda boneca. João era o pai e a pequena Rosa era mãe. João mesmo calado “no íntimo, o João estava muito feliz. É que ele nunca havia pensado que pudesse, de uma hora pra outra, ganhar uma filha bonita, crescida e de cabelos encaracolados como aquela” (JOSÉ, 1972, p.26).

As duas crianças viviam em seu mundo de fantasias recriando momentos que dificilmente poderiam acontecer em suas vivências diárias, eram pais amoroso para a pequena boneca de pano,

Todo vaidoso, o João empurrava o carrinho pelo asfalto a fora. Ao lado, olhos vigilantes, a Rosa parecia a mãe quando descia à cidade. Não havia com que se preocupar, a Tatiana² estava comportadíssima (JOSÉ. 1972, p.29)

João Trapalhão usava sua criatividade/imaginação quando queria fugir daquele mundo cheio de problemas, assim como também adorava ver a felicidade no rosto de sua pequena irmã Rosa quando ele começava a criar uma porção de coisas bonitas. Era notável para João que uma simples boneca de pano podia trazer tanta felicidade para os dois, porém, quando perderam a boneca foi como

se o mundo tivesse vindo abaixo, não teria sido tão congelante quanto foi aquela revelação. Os olhos da Rosa continuaram firmes, fixos nas lâmpadas penduradas no teto da barraca. Ela nem piscava. Pouco a pouco, as lágrimas se avolumaram para dar a visão distorcida do fundo de garrafa e duas estradas riscaram o rosto sem vida. (JOSÉ, 1972, p.89)

Os raros momentos de felicidade que os dois puderam ter foram ao lado de uma simples boneca. O mundo de fantasias que os dois criaram não poderia acabar, momentos tristes só eram presenciados no mundo real o mundo da imaginação não poderia ser abalado. Deste modo, João fez quase que o impossível pra não deixar morrer esses momentos de felicidade que os dois tiveram ao lado da boneca Tatiana.

João nunca tinha roubado antes. Nem palito de fosforo [...] Ele tinha direito à boneca [...] Além do mais, era uma questão de honra. A história contada para BORGES, Victória Rodrigues; Sandra Maria JOB. A importância da imaginação na infância de dois personagens da literatura infantil. **ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB**, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131

Rosinha tinha de se tornar realidade, senão João e Jesus ficariam desacreditados para sempre. (JOSE, 1972, p. 91)

Já *O meu Pé de Laranja Lima* narra as aventuras e desventuras do menino Zezé que era “filho de uma família muito pobre” (VASCONCELOS, 1968 p.192). Era incompreendido pelos pais e pelos irmãos mais velhos e principalmente pelas pessoas que moravam ao seu redor. Por isso, entre outros fatores, “cria um mundo de fantasia para se refugiar de uma realidade exterior áspera” (VASCONCELOS, 1968, p.192). Esse mundo se traduzia no quintal que

se dividia em três brinquedos. O Jardim Zoológico. A Europa que ficava perto da cerca bem feitinha da casa de seu Julinho. Por que Europa? Nem meu passarinho sabia. Lá que a gente brincava de bondinho de Pão de Açúcar. Pegava a caixa de botão e enfiava todos eles num barbante. (VASCONCELOS, 1968, p.24).

Sua criatividade, contudo, não tinha limites – nem para o bem, nem para o mal ele apenas queria se divertir

uma tarde recheei a meia preta de mulher. Enrolei ela num barbante e cortei a ponta do pé. Depois onde tinha sido o pé peguei uma linha bem comprida de papagaio e amarrei. De longe, puxando devagarzinho parecia uma cobra e no escuro ela ia fazer sucesso (VASCONCELOS, 1968, p.61).

E ele acabava fazendo pequenas maldades, inconscientemente que deixavam todos ao seu redor furiosos. A falta de compreensão por todos era bem presente, nunca entendiam o motivo de tantos atos arteiros, ele era apenas um menino com vontade de conhecer coisas novas e interessantes. E o mais interessante é que assim como João, Zezinho incentiva seu pequeno irmão a entrar nesse mundo fantasioso e divertido ressaltando que “[...] era melhor conservar a sua ilusão o mais possível. Quando eu era criancinha também acreditava naquelas coisas (VASCONCELOS, 1968, p. 65)”.

Sua maior criatividade, talvez, ganha uma dimensão maior quanto ele, na nova casa para onde se mudaram, depara-se com um “[...] lindo pezinho de Laranja Lima! Veja que não tem nem um espinho. Ele tem tanta personalidade que a gente de longe já sabe que é Laranja Lima. [...]” (VASCONCELOS, 1968, p. 19).

O menino não estava muito satisfeito com a arvorezinha que havia sobrado para ele, mas acabou tendo que ficar. Mas ele se surpreendeu quando ele ouviu “uma voz falou vindo de não sei onde, perto do meu coração” (VASCONCELOS, 1968, p. 19).

Eu levantei assustado e olhei a arvorezinha. Era estranho porque sempre eu conversava com tudo, mas pensava que era o meu passarinho de dentro que se encarregava de arranjar fala. (VASCONCELOS, 1968, p. 20).

Com ele (pé de laranja), o narrador² Zezinho viverá em um mundo à parte, e

de repente Minguinho³ virou o mais lindo cavalo do mundo; o vento aumentou mais e o capinzal meio ralo do valão se transformou numa planície imensa e verdejante. Minha roupa de cowboy estava ajazada de ouro. Relampejava em meu peito a estrela de Xerife. (VASCONCELOS, 1968, p.65).

Vale a pena ressaltar que ambas as crianças, foco de análise aqui, têm onze (João) e cinco anos (Zezinho). Mas isso não é fator determinante para a notável diferença no grau de imaginação de cada personagem. A imaginação de Zezinho é bem mais perceptível, pois tudo em sua volta se transforma em um mundo diferente e extraordinário, mundo esse que é diferente do qual presencia cotidianamente. No caso de João são poucos os momentos em que ele se refugia em seu próprio mundinho cheio de coisas bonitas, porém, esses poucos momentos fazem uma grande diferença na vida do menino. Principalmente por que ele, assim como Zezinho, tem problemas de relacionamento com a família. A causa desses problemas para ambos é a falta de diálogo e a incompreensão que sofrem por parte dos pais. Mas não somente por isso.

No caso do João, por exemplo, além do problema da falta de aceitação dele por parte dos colegas, ele sofria também com a rejeição da mãe, que após saber da reprovação “[...] confirmada, a mãe não só continuou sem dirigir-lhe a palavra como também não lhe deu mais atenção.” (JOSÉ, 1972, p. 11). Não bastasse isso, ele “tinha tudo para ser diferente dos irmãos – principalmente a boca. Tinha usado chupeta até os cinco anos; por isso cresceu dentuço, e para piorar-lhe o aspecto, os dentes da frente tinham-se estragado” (JOSÉ, 1972, p. 11),

Em *O meu pé de laranja lima*, Zezinho, ao contrário, não tem problemas com a aparência, nem de aceitação por parte dos colegas. Um deles, o Serginho, por exemplo, até lhe propôs: “- E se eu lhe der, isto é, se eu lhe emprestar os duzentos réis?”, pois sabia que o amigo precisava de sua ajuda. E quanto a sua mãe “- Mamãe é muito boa; só me bate com pena e devagar” (VASCONCELOS, 1968, p. 32). Contudo, faltava a Zezinho algo. Para ele, esse algo, aparentemente, era amor.

[...] Godóia... Por que ninguém gosta de mim?
 — Você é muito arteiro.
 — Hoje já levei três surras, Godóia.
 — E não mereceu?
 — Não é isso. É que como ninguém gosta de mim, aproveitam para me bater por qualquer coisa

Nota-se, a partir dos fragmentos acima que as duas crianças, nas obras citadas, têm uma infância difícil, na qual não apenas a falta de dinheiro é um complicador, mas principalmente a falta

² Vale ressaltar que o narrador se caracteriza como narrador-personagem, “narrando de centro fixo, limitando quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos” (LEITE, 1989, p. 43).

³ Minguinho é o nome que Zezinho dá para o pé de laranja lima.

BORGES, Victória Rodrigues; Sandra Maria JOB. A importância da imaginação na infância de dois personagens da literatura infantil. *ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB*, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131

de amor, de diálogo por parte dos pais. Neste contexto, percebemos que a imaginação assume um papel muito importante para vida de cada personagem, pois é através dela que conseguem ser crianças e serem, naquele momento dentro da narrativa, felizes como toda criança deveria (e tem direito a) ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da análise, algumas conclusões foram emitidas, a saber.

A primeira diz respeito ao quanto o simples ato de imaginar pode transformar o mundo de uma criança - seja pobre ou rica; branca, negra, indígena... usando de criatividade e imaginação a criança pode criar um mundo paralelo no qual o mal, em todas suas faces, não entra e, por isso, a criança pode viver e ser criança, na prática.

Todos nós passamos por dificuldades, viver no mundo real não basta para tentar ser feliz plenamente, mas podemos criar um mundo feliz e melhor e é isso que os dois personagens das obras analisadas procuram.

Segundo, no caso das obras analisadas, percebemos a importância que o simples ato de imaginar coisas bonitas pode mudar a vida de uma criança que passa por problemas, que conseqüentemente acabam afetando o seu modo de ver o mundo. O personagem João quando teve acesso a esse mundo de imaginação se tornou um menino mais feliz e compreensível em relação aos problemas que enfrentava. Através da imaginação Zezinho vivenciou inúmeros momentos felizes de diversão. Imaginar algo que não poderiam ter no mundo real era o que os dois personagens faziam, e através desse mundo fantasioso eles se tornam crianças bem mais desenvolvidas e inteligentes que compreendiam as situações cotidianas.

E diante dessas conclusões, nota-se que cabe um olhar mais aprofundado sobre a imaginação e, em particular sobre as relações familiares presentes nas obras estudadas como forma de até, quem sabe, enquanto professores, compreender melhor esse tipo de relação na vida real para, de repente, olharmos nossas crianças/alunos com outros olhos, outro coração – quem sabe mais sensíveis aos problemas que eles/as vivem em suas casas.

REFERÊNCIAS

BALMANT, Flávia Diniz. A imaginação em Vygotsky: princípio para novas construções, para a expansão de conhecimentos e para o desenvolvimento. In: *Revista Teórica*. Disponível em: <www.pucpr.br/eventos/educere/educere2005/.../com/TCCI053.pdf> Acesso em 18 de novembro de 2015.

EYNG, Célio Roberto. A imaginação e a criação na infância segundo Vigotski. In: *Revista Exitus*, vol.2, nº 01, Jan./Jun.2012. Disponível em: <www.pucpr.br> Disponível em: <www.ufopa.edu.br/.../a-imaginacao-e...infancia-segundo-vigotski/.../file> Acesso em 16 de novembro de 2015

GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. In: *Pro-Posições*. Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 75-92, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072011000200007&script=sci_arttext> Acesso em 16 de novembro de 2015

JOSÉ, Ganymédes. *Depois, o Silêncio*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1972

LEITE, Ligia C. Moraes. *O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*. São Paulo: Editora Ática, 1989

MOZZER & BORGES, Geisa, Fabrícia. *A Criatividade Infantil Na Perspectiva De Lev Vygotsky*. Jul. 2008. Disponível em: <www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/download/5269/4314> Acesso em 16 de novembro de 2015.

SANTOS, Ilka Schapper. A Imaginação e o Desenvolvimento Infantil. In: *Educ. Foco*. Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 157-169, set 2008/fev 2009. Disponível em: <www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2009/11/Artigo-09-13.2.pdf> Acesso em 17 de novembro de 2015

VASCONCELOS, José Mauro de. *O meu pé de Laranja Lima*. 2. Ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1968.

WATANABE ,Denise et al. A Imaginação e a Fantasia Do Real No Contexto Da Educação Infantil: Interlocução Promissora. In: *Colloquium Humanarum*, vol. 9, n. Especial, jul-dez, 2012. Disponível em: <<http://jorge0alvoeiro.no.sapo.pt/Imagino.html>> Acesso em 17 de novembro de 2015.